



## O alerta de Logunan aos tempos de emergência climática

### Logunan's alert in times of climate emergency

Vilmar Alves Pereira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2548-5086>

**Resumo:** Este ensaio tem o propósito maior de apresentar uma reflexão sobre os tempos de emergência climática com seus atravessamentos em nossa dimensão existencial ontológica. A partir de um esforço hermenêutico propõe alguns rasgos conceituais no sentido de busca de compreensão do contexto atual. O estudo reconhece uma dificuldade que temos em revistar a pauta do tempo. Desse modo, partindo do tempo de emergência apresenta num primeiro momento, alguns dados que reforçam este estado e condição com muitas patologias socioambientais. Num segundo, recorre aos saberes ancestrais e busca, realizar alguns movimentos compreensivos a partir dos saberes ancestrais sobre a divindade *Logunan* e seus possíveis alertas e convites para processos de redefinição ontológica. Finalmente o ensaio reconhece a necessidade de perspectivas integradoras para pensarmos o enfrentamento da racionalidade antropocena e de possibilidades sistêmicas da Educação Ambiental Climática.

**Palavras-Chave:** Emergência Climática. Logunan. Educação Climática.

**Abstract:** This essay has the main purpose of presenting a reflection on the times of climate emergency with its crossings in our ontological existential dimension. Based on a hermeneutic effort, it proposes some conceptual outlines in the sense of seeking to understand the current context. The study recognizes a difficulty we have in reviewing the time agenda. Thus, starting from the time of emergency, it presents, at first, some data that reinforce this state and condition with many socio-environmental pathologies. In a second, it resorts to ancestral knowledge and seeks to carry out some comprehensive movements based on ancestral knowledge about the Logunan divinity and its possible warnings and invitations to processes of ontological redefinition. Finally, the essay recognizes the need for integrative perspectives to think about confronting the Anthropocene rationality and systemic possibilities of Climate Environmental Education.

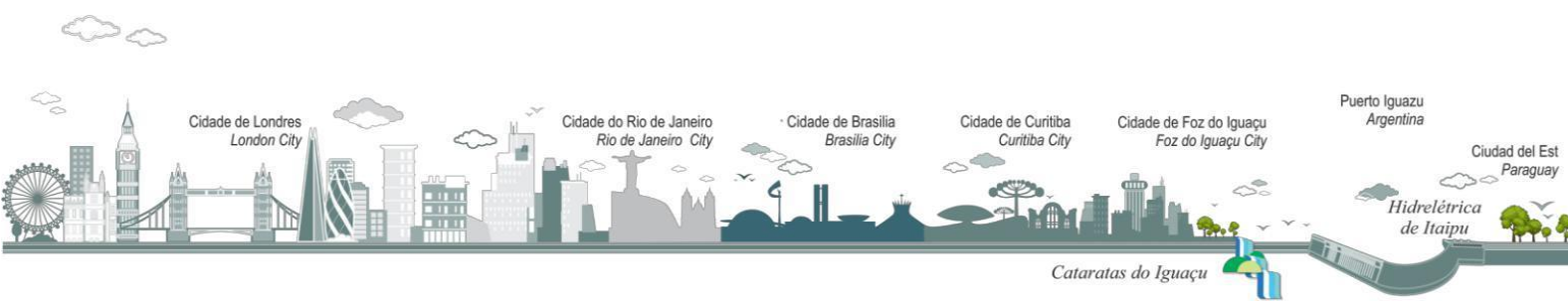
**Key Words:** Climate Emergency. Logunan. Climate Education.

## INTRODUÇÃO

Com frequência tenho me questionado sobre o modo como nós humanos

---

<sup>1</sup> Filósofo Ambiental, Doutor em Educação, Professor Pesquisador do Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEDU- UNEMAT. Diretor de Teses no Doutorado em Educação da Universidad Internacional Iberoamericana (UNINI) em Porto Rico e Doutorado em Projetos UNINI – México. Coordenador Adjunto da Rede Internacional de Pesquisa em Resiliência Climática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná RIPERC- UNIOESTE - Brasil. Editor Executivo para América Latina da Revista Ibero-americana de Estudos Pedagógicos da Universidad de Alcalá de Henares (UAH) e da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara (FCLAr). Bolsista de Produtividade do CNPq em Educação – Nível 2.

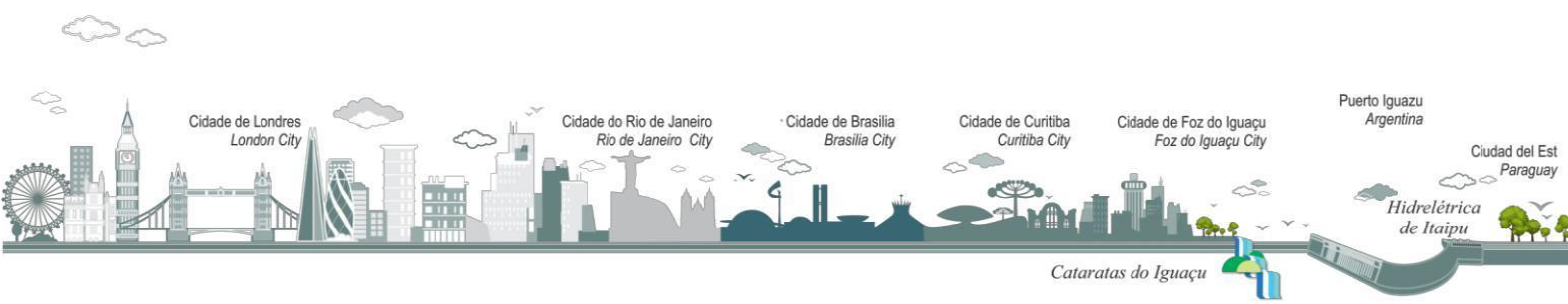




experienciamos o tempo de forma acelerada e por vezes mitigada onde encolhemos o seu sentido maior limitando noções mais amplas nos modos de existência vivenciados no sistema capitalista. Até pouco tempo pelo universo observável através do Telescópio Espacial Hubble da NASA havia o reconhecimento da existência de 2 trilhões de galáxias. Recentemente uma equipe da *New Horizons* da NASA em uma missão, sugeriu que o número é muito mais modesto. Essa equipe concluiu que 90% das galáxias do universo eram além da capacidade do Hubble de detectar na luz visível. No entanto, mesmo assim consideram que existem bilhões de galáxias e que o universo pode conter cem trilhões de estrelas sendo muitas delas semelhantes ao sol. Apenas a nossa via láctea pode abrigar 160 bilhões de planetas. O estudo conclui que a nossa compreensão em relação ao universo, aos tempos e espaços é a inda muito limitada por que ainda não temos instrumentos de observação que possam chegar cada vez mais longe. Apenas na questão temporal os estudos reconhecem alcances de 450.000 anos após o *Big Bang*. (NEW HORIZONS, 2021).

As noções e vivências mais amplas de tempo e espaço normalmente escapam de nossa compreensão. Esse reconhecimento é tão contundente que muitas vezes dedicar tempo para pensar sobre isso parece perda de tempo. Somos a geração que mais reclama por mais tempo pois sente a ausência de tempo para experiências outras. Já realizamos esse alerta em outra ocasião, quando apontamos para a necessidade de desaceleração do tempo como condição para garantia de mais vida. A crítica feita, foi no sentido de estarmos numa sociedade em que a vertigem do tempo e a forma como vivenciamos pode gerar o bloqueamento de nossa capacidade criativa, nossa poética, mística, estética e sintonia com as dimensões cósmicas universais. Denunciamos uma sociedade que tendo como herança a ideia de tempo moderno de presente, passado e futuro, vive uma crise no contexto da denominada pós-modernidade onde os padrões indicam para o esquecimento do passado e uma visão pessimista em relação ao futuro, sobrando o presente como indicador do nosso modo de existência. Reconhecemos que essa compreensão pode afetar em muito as questões relacionadas a um paradigma cuja noção de tempo esteve desde a modernidade respaldada nas referidas demarcações. Inclusive a modernidade possui uma visão otimista do futuro (PEREIRA, 2016).

A luz dessas reflexões a filosofia ambiental acolhe uma perspectiva crítica dos nossos





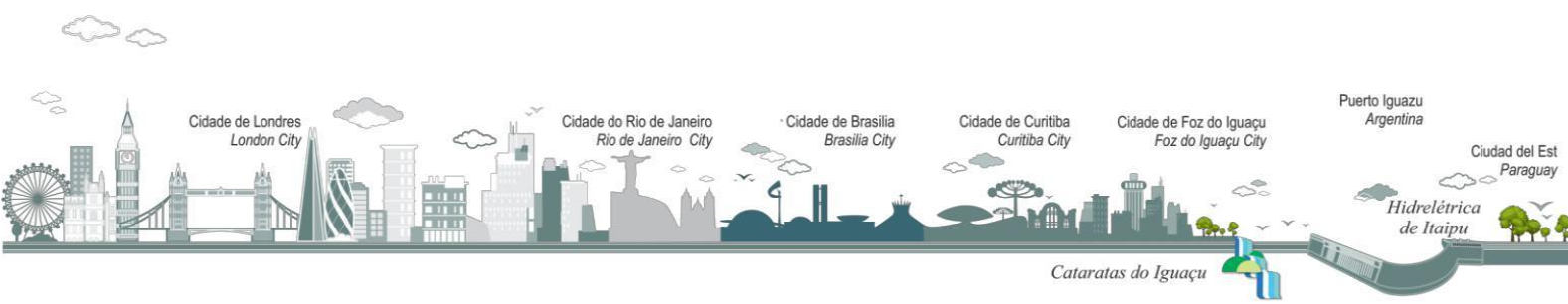
modos de viver o tempo tendo por referência a crise civilizatória e a crise de sentido existencial do ser humano associada com a perda de referencial nos tempos atuais. Estamos fazendo menção a uma Educação Ambiental (EA) que, ao refletir sobre os eventos extremos que nos atravessam, busca questionar as suas raízes bem como de reconhecer possibilidades de redefinição ontológica de experiências que possam ressignificar o vivido.

É justamente esse o objetivo desse ensaio que se propõe pensar os tempos de Emergência Climática tendo por horizonte a Educação Ambiental Popular e suas possibilidades de revistar saberes ancestrais africanos no sentido de pensar esse contexto imperativo indicado pelo tempo da emergência climática.

## ALGUNS VESTÍGIOS DOS TEMPOS DE EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

A condição e constatação de estado de emergência é resultado um estudo publicado em 2020 intitulado *World Scientist' Warning of a Climate Emergency*, onde más de 11.000 cientista de 153 países reconhecem este estado (Ripple, *et al.*, 2020). O agravamento causado pelo contexto da pandemia Covid19 demonstra que os tempos de emergências vão além da questão climática e estão associados a vulnerabilidades reconhecidas como as três emergências: saúde, biodiversidade e mudança climática. Elas se encontram vinculadas entre si com a profunda crise planetária e todas implicam a urgência do tempo e a exigência de mudanças no sentido de garantir a vida de modo constante e permanente (ARTAXO, 2020).

Os tempos de Emergência Climática são também os tempos do aumento das vulnerabilidades no mundo, em especial na América Latina, onde se torna ainda mais agravada devido a grande desigualdade social existente. Trata-se de uma região mais exposta que as demais devido aos aspectos políticos e econômicos a exemplo das democracias frágeis e as alianças com o capital do norte global e a referida desigualdade. Os tempos de emergência indicam que as mudanças serão irreversíveis com implicâncias e efeitos diretos nas questões de calor, segurança alimentar e o difícil acesso a água. Estaremos sentindo ainda maior efeito caso aquecimento global exceder 1,5°C. No entanto, alguns efeitos já estamos sentindo e sendo afetados na região a exemplo de: interrupção dos ciclos na produção de alimentos, aumento da temperatura, erosão costeira, frequência das





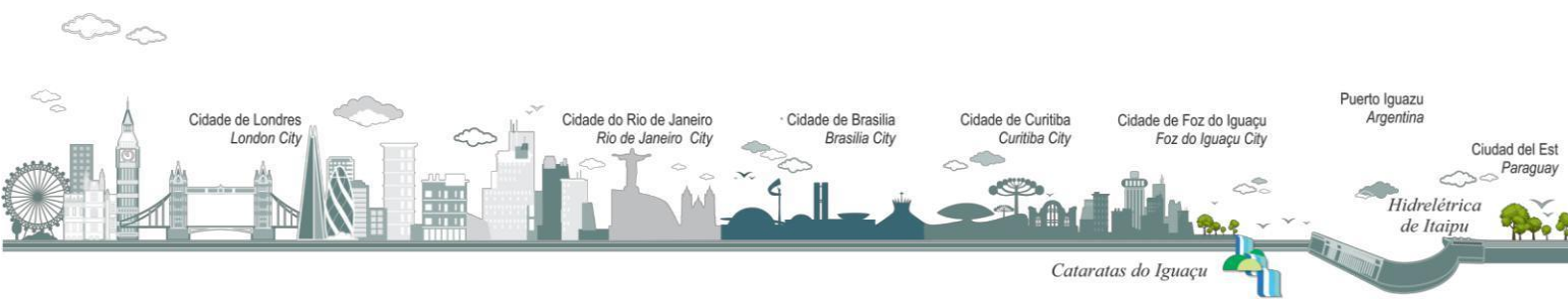
secas, abastecimento da água com impactos diretos na agricultura e pesca, perda da biodiversidade na Amazônia pela sua vulnerabilidade, a seca, perda da capacidade de armazenar carbono como consequência do desmatamento, aumento dos incêndios, derretimento das geleiras na região andina, aumento da vulnerabilidade provoca migração e deslocamento climático são sintomas de um estado de emergência que reivindica ações urgentes na região e no mundo (IPCC, 2023).

Os tempos de Emergência Climática reconhecem de modo muito preocupante a ameaça a biodiversidade da Floresta Amazônica ocasionada pela permanente conversão de terras e pelas mudanças climáticas. Nesse sentido,

A maioria das análises sobre as mudanças no uso e cobertura da terra na floresta amazônica tem se concentrado nas causas e efeitos do desmatamento. No entanto, distúrbios antrópicos causam degradação da floresta amazônica remanescente e ameaçam o seu futuro. Entre estas perturbações, as mais importantes são os efeitos de borda (devido à desflorestação e à consequente fragmentação do habitat), à extração de madeira, aos incêndios e às secas extremas que foram intensificadas pelas alterações climáticas induzidas pelo homem. (LAPOLA *et al.* 2023, p.01).

Ainda sobre os tempos de emergência na Amazônia outro estudo avalia as causas sobre porquê está ocorrendo o sumidouro de carbono na floresta, em especial avalia a mudança da aplicação das leis de proteção ambiental numa comparação entre 2010-2018 com 2019-2020. Uma das conclusões do estudo é muito preocupante os autores afirmam: “Nossos resultados indicam que um declínio na aplicação da lei levou a aumentos no desmatamento, na queima de biomassa e na degradação florestal, o que aumentou as emissões de carbono e aumentou a secagem e o aquecimento das florestas amazônicas” (GATTI *et al.*, 2023, p.01).

Soma-se a esses fatores o aumento dos eventos extremos em todo o mundo com a presença mais frequente de incêndios capaz de dizimar para além de florestas uma cidade inteira, milhares de mortes por altas temperaturas na Europa e nas Américas do Norte, fortes terremotos em diferentes partes do planeta e, no caso brasileiro, um crescimento espantoso nos últimos anos de deslizamentos e soterramentos em áreas urbanas e eventos marcantes como o de Petrópolis (RJ) 2022 onde choveu em 24 horas 534,4 mm ceifando a vida de 235 pessoas e deixando mais 4 mil pessoas desalojadas, desabrigadas e em Bertioga (SP) 2023,



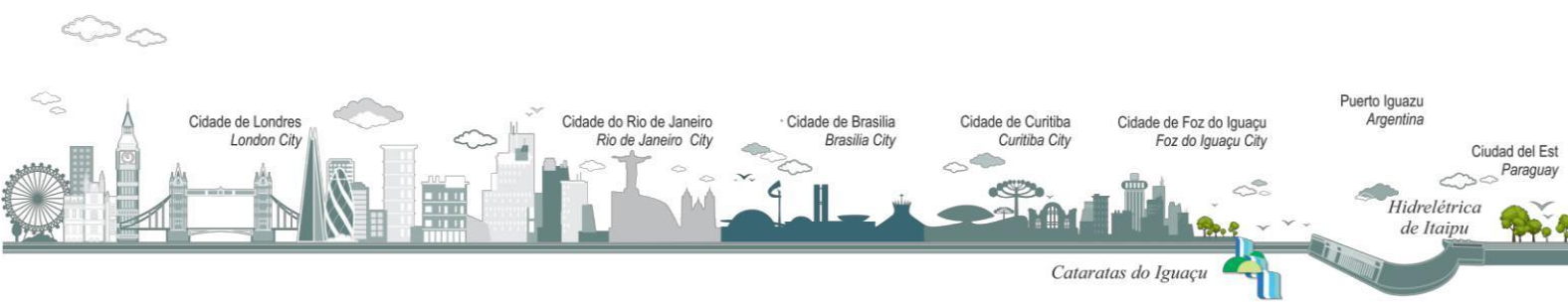


onde choveu em 24 horas 683mm vitimando 40 pessoas com a vida, 1730 desalojados e 766 desabrigados (CEMADEN, 2023).

Esse desequilíbrio também está estampado nas frequentes enchentes que no caso brasileiro vem ocorrendo nos meses de janeiro e fevereiro mais situado na região sudeste e nordeste e no Sul em 2023 em setembro. O Sul está atravessando nos últimos anos uma sequência de seca entre dezembro e março, principalmente a região do extremo sul brasileiro. No caso específico de 2023 o Sul, em setembro de 2023, a região do Vale do Taquari (RS) teve a segunda maior enchente e inundação da sua história onde o Rio Taquari subiu 29 metros se aproximando de 1941 onde subiu 29,92 Cm. Chama a atenção dos especialistas o fato de que em 1941 foram 35 dias de chuvas intensas para atingir esse nível, já em 2023 apenas numa madrugada o nível subiu de 13 metros para 26 pegando a maioria das pessoas despreparadas (SGB, 2023). Fenômeno semelhante ocorre em outubro de 2023 em Santa Catarina onde foram socorridas mais de mil pessoas se encontravam ilhadas, e mais de 17 mil desabrigadas com 3 mortes e 126 municípios em situação de emergência (Defesa Civil, 2023). Isso ocorre ao mesmo tempo que a seca no Amazonas fez com que em 2023 fosse o ano em que o Rio Negro atingisse o menor nível em 121 anos atingindo 557 mil pessoas (SGB, 2023). É o tempo da emergência que encurta o tempo e extingue a vida mudando totalmente a existência de milhares de humanos e não humanos.

Nem bem estávamos avaliando o impacto dos eventos extremos de 2023 iniciamos o ano com a maior tragédia ambiental já vista no Estado do Rio Grande Sul e já considerada como o maior desastre climático do Brasil. Já havíamos tido em anos anteriores o alerta de ambientalistas como Carlos Nobre e Michele Sato de que nos aproximávamos de um tempo muito próximo da colapsia ambiental e de que os eventos seriam cada vez mais frequentes. No caso do Rio Grande do Sul este tempo é demarcado em 2024. Em 20 de maio de 2024 as autoridades estimam que a catástrofe tenha afetado a vida de 2,3 milhões de moradores de 463 municípios até agora sendo 93% do total. Mais de 581 mil pessoas estão desalojadas, 76 mil estão em abrigos com mais de 157 mortes.

Dessa vez a enchente foi muito além dos vales, atingindo o coração de um Porque que fora um dia Alegre. A região metropolitana de Porto Alegre sofreu devastação inimagináveis sendo engolida força das águas. A figura abaixo é um retrato da transformação provocada pelas





inundações. E assim como Porto Alegre sofrem as cidades de Canoas com rompimento de diques e sobre a cidade de El Dourado que fica em sua totalidade submersa.

Figura 1 – Imagens da enchente em Canoas - RS



Fonte: PEROBELLI (2024), Agência Brasil

No vale do Rio Taquari vimos novamente, as cidades de Roca Sales, Muçum, Lageado, Estrela, Santa Cruz, Rio Pardo e Cruzeiro do Sul onde Bairro inteiro em Cruzeiro do Sul vira 'cemitério de casas e carros" onde cerca de 500 moradias já não existem mais.

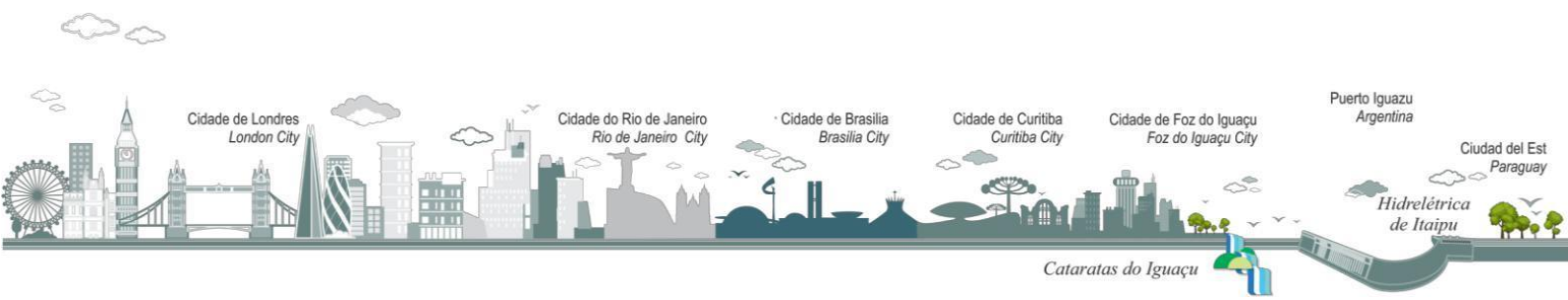




Figura 2 – Bairro de Cruzeiro do Sul – RS.



Fonte: Adorno & Ferraz (2024).

No mapa a seguir é possível identificar o amplo caminho das águas no Rio Grande do Sul que vão desde a região serrana, passando pelos vales, indo posteriormente a região metropolitana e ao Rio Guaíba. De lá segue para a Lagoa dos Patos afetando os municípios que ficam na região sul dentre eles São Lourenço do Sul Pelotas e Rio Grande. Nessa região inúmeras comunidades de pescadores artesanais foram duramente castigadas. As populações ribeirinhas novamente pagando um preço mais alto por estarem em situação de maior vulnerabilidade. No entanto dessa vez o efeito devastador foi muito maior superando em muito a maior enchente do estado ocorrida em 1941.

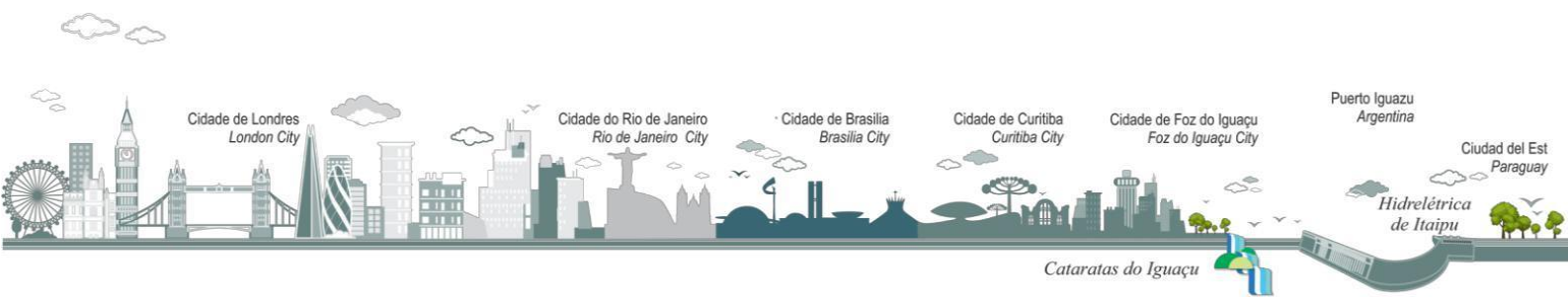




Figura 3 – Fluxo das águas do Rio Guaíba na Lagoa dos Patos e posterior escoamento na Metade Sul.

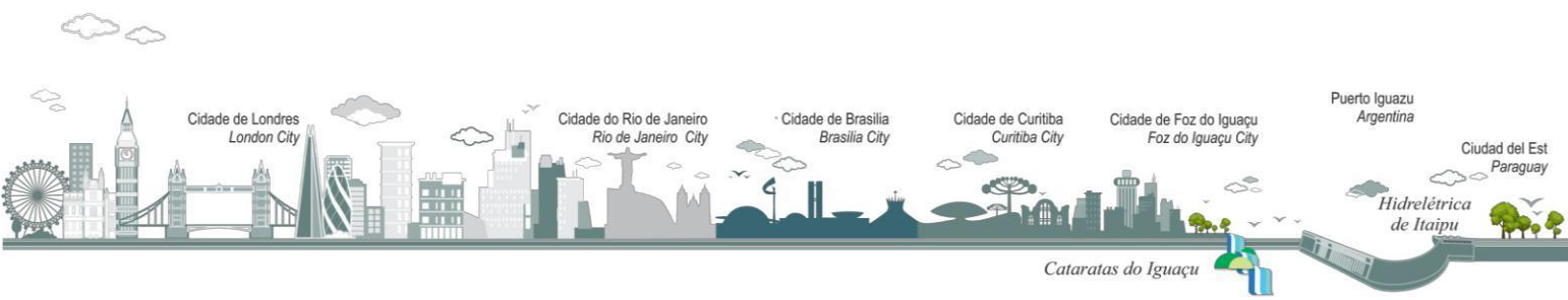


Fonte: Infográfico G1, 2024.

Os rios, as águas, as matas, as chuvas, as montanhas são entidades vivas que integram desde sempre o nosso mundo da vida. Viver a vida como se eles não existissem e dialogassem conosco pode ser uma vida vivida de modo mitigado. Desse modo, é de causar revolta as imposturas de políticos e tantos outros que ocupam espaços de comunicação nesse momento de dor para reforçar seu negacionismo ambiental climático afirmando que o maior desastre que estamos vivendo no Brasil é fruto de uma causalidade natural e que nada podia ter sido feito.

## Do tempo da causalidade natural ao tempo do Antropoceno

De modo geral o ser humano tem uma tendência a naturalizar o tempo. Trata-se de uma leitura que não reconhece a interferência humana no tempo. Uma leitura que dissocia a relação entre os humanos e o tempo. Por vezes esquecemos que o tempo expressa os vestígios do nosso modo de existência. Não é por acaso que com frequência falamos em tempos sombrios, tempos de luta, tempos de esperar, tempos de transcendência, tempos de mudanças, tempos de redefinição ontológica, tempos de reflexão, tempos de sementeira e tempos de colheita, tempos de adaptação. Em fim há uma enorme lista de considerações associados ao modo de existência em que nós humanos nos relacionamos no espaço e no tempo.



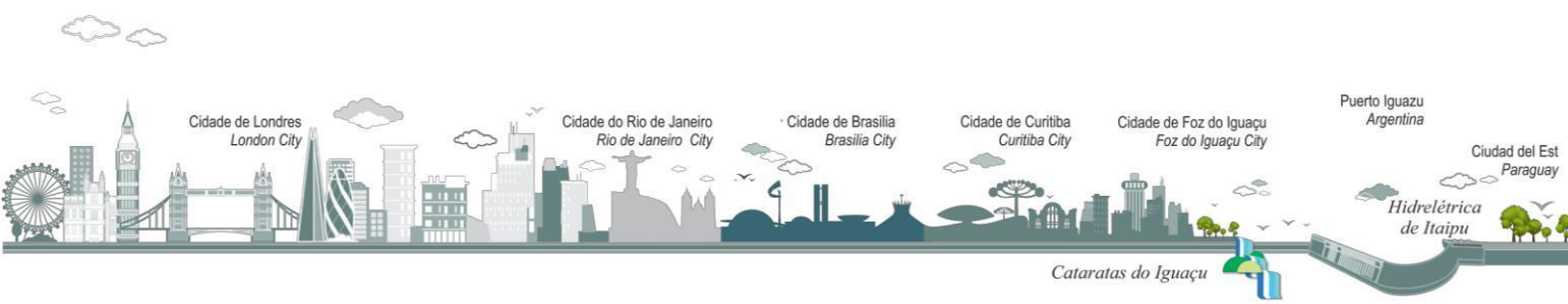




Para além da suposta causalidade natural os estudos dão conta que estamos sim no tempo do Antropoceno. Nesta perspectiva, Steffen *et al.* (2011) consideram que: “a humanidade, nossa própria espécie, tornou-se tão grande e ativa que agora rivaliza com algumas das grandes forças da natureza em seu impacto no funcionamento do sistema terrestre” (p.842). Assim o Antropoceno é o tempo em que se traduz a força dos humanos e seu impacto em relação as demais outridades ambientais sendo possível instaurar uma nova era geológica cuja centralidade e consequência tem o humano como sujeito central. Longe de ser uma causa natural identificamos em outro estudo a presença de uma racionalidade antropocena que emerge bem antes das três fases do Antropoceno: Revolução Industrial, Grande aceleração e o Antropoceno 3.0 e está presente ainda na mitologia grega onde o esforço inicial do pensamento racional consistia em dominar todas as formas de sagrado, suas forças mágicas que não deveriam ser consideradas como saber. Os eventos extremos descritos acima participam desse horizonte cuja racionalidade antropocena, aliada a finalidades pragmáticas da lógica capitalista na modernidade estabelecem modos de existência e disputas visando sempre o aumento do lucro e do poder. Os legados desse modo de imperar trouxe e continua trazendo graves consequências as nossas cosmovivências e manutenção de nossa existência que se encontra em permanente ameaça. (PEREIRA & ZITKOSKI, 2023).

Assim o tempo de Antropoceno, é demarcado por uma lógica fria e calculista, objetivista onde mesmo percebendo os endereçamentos catastróficos para onde estamos rumando, continua a entoar o canto de reconhecimento a economia em detrimento da existência. As patologias socioambientais descritas acima integram um conjunto de sintomas de um sistema mitigador da vida. O tempo do Antropoceno, talvez seja a constatação mais dura de reconhecer, mas é também, o tempo da perda de sentido da vida e de um esperar otimista por uma mudança que ainda não chega.

Nossos ancestrais nos ensinaram e reforçamos esses saberes na Ecologia Cosmocena, Pereira (2016), quando trouxemos à baila o reconhecimento de que a natureza dialoga conosco. Uma leitura pelo horizonte da Hermenêutica Filosófica reconhece que estamos e somos reconhecidos no mundo na e pela linguagem. Linguagem essa que vai muito além da estrutura da fala. Esse horizonte linguístico, hermenêutico compreensivo abre





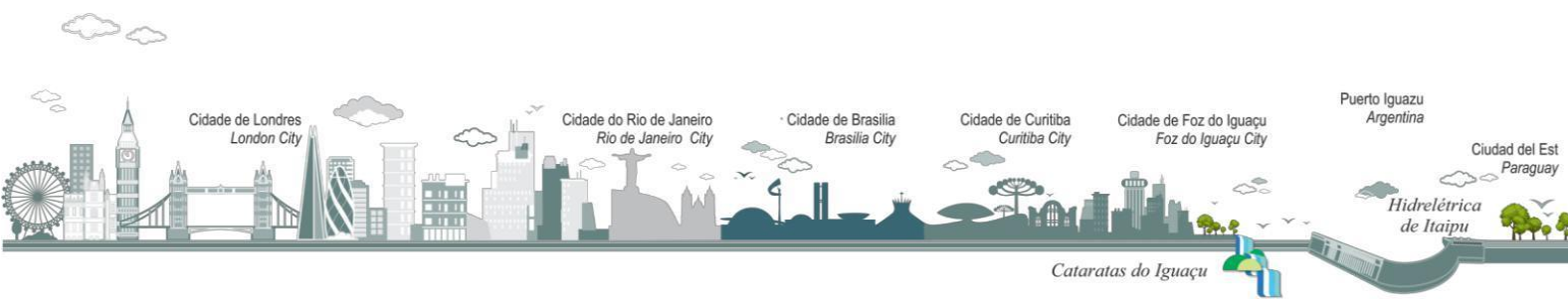
possibilidades a ricos aportes, dentre eles, de que não se trata de uma escolha, mas de um reconhecimento que desde já estamos em diálogo. Esse diálogo é permanentemente estabelecido nas relações natureza-humanidade. Para além da compreensão a questão que deve nos mobilizar trata-se de indagarmos: o que no tempo do Antropoceno a natureza está nos dizendo? Por vezes fico a prestar atenção nas manchetes dos eventos extremos: *chuva violenta* no sul do país, *seca castiga* moradores e derruba produção rural no norte, o mar de lama foi avançando *de forma impiedosa*, o furacão Ian atingiu a costa do Golfo da Flórida com *força catastrófica*, Forte terremoto *mata* mais de 600 pessoas no Marrocos, o calor pode *ter matado* mais de 61 mil pessoas na Europa no ano passado, Temperaturas baixas *castigam* e gado morre de frio em cidades de Mato Grosso do Sul, Enchentes na Líbia podem ter deixado mais de 20 mil mortos. Essa lista de eventos seria bem extensa como podem imaginar. A questão principal que aqui está posta é buscarmos a compreensão sobre: o que a natureza está nos dizendo? Quais as causas da sua reação? Qual é a reivindicação que não estamos entendendo? Qual é o seu pedido de ajuda? O que está na raiz dos eventos extremos?

Compreendo que o tempo do Antropoceno deve ser também o tempo de nos permitirmos ampliar essa compreensão dialógica que é sentida na vida presente e cotidiana todos os dias. No tempo das emergências a cada dia temos muitos sinais, sendo a maioria com sintomas graves e extremos. O desafio é o que estamos ou não aprendendo com esses diálogos.

## METODOLOGIA

A natureza desse estudo é a de um ensaio teórico. Para muitos leitores que possuem um olhar de uma ciência mais positivista essa modalidade de investigação pode oferecer algumas limitações. O ensaio teórico pressupõe leitores com espíritos livres e com grande disposição para reflexões: “Assim, o ensaio caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência” (MENEGHETTI, 2011, p.322).

Associamos a este estudo a abordagem da hermenêutica filosófica que busca a ampliação de sentidos em movimentos que partem da pré-compreensão onde considera todos os conhecimentos prévios, os preconceitos, os traumas os valores etc., é tudo o que influencia





o sentido a ser captado na direção da interpretação e da compreensão (GADAMER, 2002).

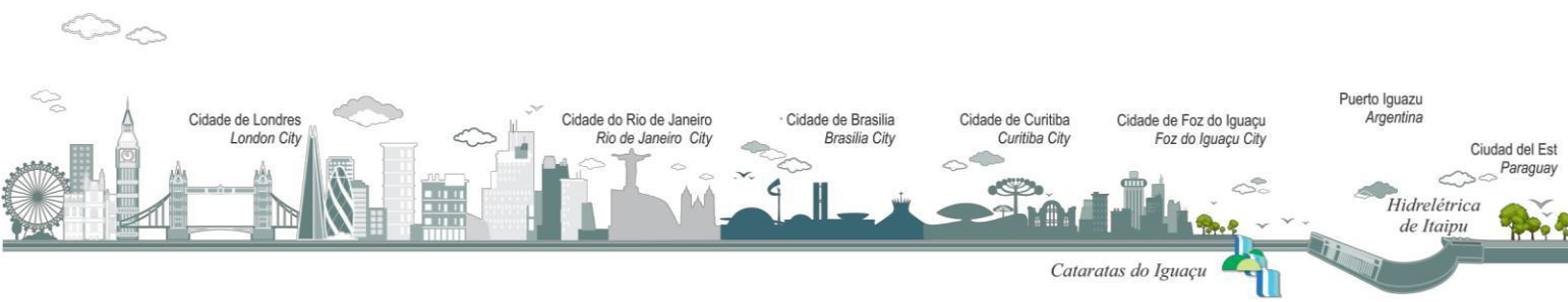
O enfoque da hermenêutica trata-se de uma epistemologia que se torna metodologia que busca sempre em sua análise ampliar a interpretação e a compreensão e o faz de forma mais livre, sem categorizar, sem a pretensão de conclusão, mas de alcançar a ampliação de sentidos. É uma imersão crítico-abrangente dos fatos.

Foi justamente o que buscamos neste ensaio, onde buscamos interpretar e compreender a noção de tempo de Emergência Climática numa aproximação com saberes ancestrais populares africanos de *Logunan*. Assim estamos utilizando a hermenêutica não como uma unidade de análise porque entendemos que limitaríamos as possibilidades interpretativas e abrangentes. O olhar hermenêutico contribui para a ampliação de sentido daquilo que sempre esteve aí, porém muitas vezes não é reconhecido. Nesse sentido não busca a ineditidade, mas pode contribuir na redefinição ontológica dos nossos modos de existência. Trata-se de um olhar que pode contribuir para a compreensão da crise civilizatória que vem acelerando, aligeirando e mitigando o tempo e reivindicando adaptação urgente.

## LOGUNAN E A EXISTÊNCIA DO/NO TEMPO

A academia vive insistindo para que nossas palavras sejam palavras tratadas como conceito, mas nossas palavras não são conceitos. As nossas palavras são germinantes, são sementes (SANTOS, 2015, *apud* DORNELES, 2021, p. 20).

A sabedoria ancestral de Nego Bispo nos chama atenção quando nos encontramos em algumas encruzilhadas. Inclusive a própria expressão encruzilhadas vem sendo apropriada pela academia como forma de pensar possibilidades outras em contextos onde a racionalidade ocidental eurocêntrica não consegue dar conta de explicar e compreender a realidade. Desse modo, perspectivas decoloniais buscam nas cosmovivências ancestrais saberes que possam orientar nossas escolhas, pois afinal: “Quem nunca entrou numa encruzilhada, não sabe escolher caminho. E quem não passou pela encruzilhada não se encontrou” (SANTOS, 2015). Oriunda da sabedoria presente nas religiões de matriz africana “A encruzilhada é esse ponto de encontro, mas também local de tomada de decisões, pois é nela que os caminhos se encontram, mas também onde se escolhe o caminho para seguir”





(DE SANTANA JUNIOR, 2018, p.252). Foi realizando esses movimentos de busca de compreensão, de possibilidades e de ampliação de sentidos que cheguei *Logunan* como palavra germinante, como semente.

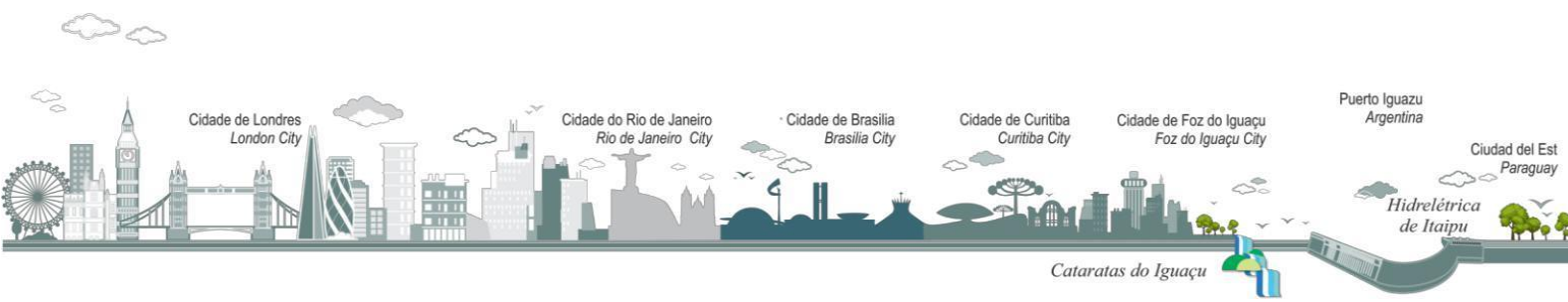
Esse encontro remete as origens da religião de Matriz Africana onde em suas lendas dos Orixás da Umbanda e do Candomblé quando se reportam a criação do mundo reconhecem existir alguns segredos e curiosidades que atribuem valores e sentidos a tudo o que existe. Lembrei-me de uma experiência que tive na Mãe África em específico em Guiné Bissau (2019) em contato com povos originários africanos. Quando perguntei a eles qual era o nome de sua religião tive como resposta que sua religião tem o nome de misteriosa. Talvez seja essa uma forma de manter ainda alguns segredos e mistérios frente as práticas colonizadoras. O caso específico de *Logunan* carrega consigo o mistério da criação do tempo.

Conta-nos a lenda de que *Olorun* criou o mundo e percebeu que as coisas não aconteciam, permaneciam inalteráveis e estáticas, como se a vida não existisse. Portanto, tudo tinha a visão de uma grande tela de pintura, onde se encontrava tudo que era belo, rico em detalhes, mas não havia a magia do existir. Assim, nada era dividido no conceito de passado, presente e futuro e simplesmente nada acontecia, nada alterava nem evoluía. Foi então que *Olorun* decidiu criar *Logunan* para que ela pudesse aplicar com a sua energia o movimento para todas as coisas. Com esse Orixá finalmente surgiu o tempo e a existência enfim se manifestou, onde através do passado alimentamos o presente e projetamos o futuro de forma que tudo gire em sincronia na roda da vida.

Ocupando um papel determinante na Umbanda Sagrada onde é reconhecido a existência de um Trono do Tempo regido por *Logunan*:

Oiá é a regente do trono do tempo, que é também um mistério da Lei. Tempo é um mistério que transcende o espaço físico e interpreta o campo da mente, da criação e da religiosidade. Ele está na origem, no meio e no fim de tudo, pois tanto está no físico quanto no campo mental. Tempo é o meio onde tudo se realiza, nada fica fora dele, senão não se realiza. (SARACENI, 2018, p.151)

Importante também ressaltar a compreensão dos aspectos positivos e negativos do tempo nessa perspectiva. Pois “no aspecto negativo, o tempo é meio caótico. Já no seu aspecto positivo, é ordem cronológica na qual tudo tem seu ordenado e fica gravado na





memória universal da criação” (SARACENI, 2018, p.151).

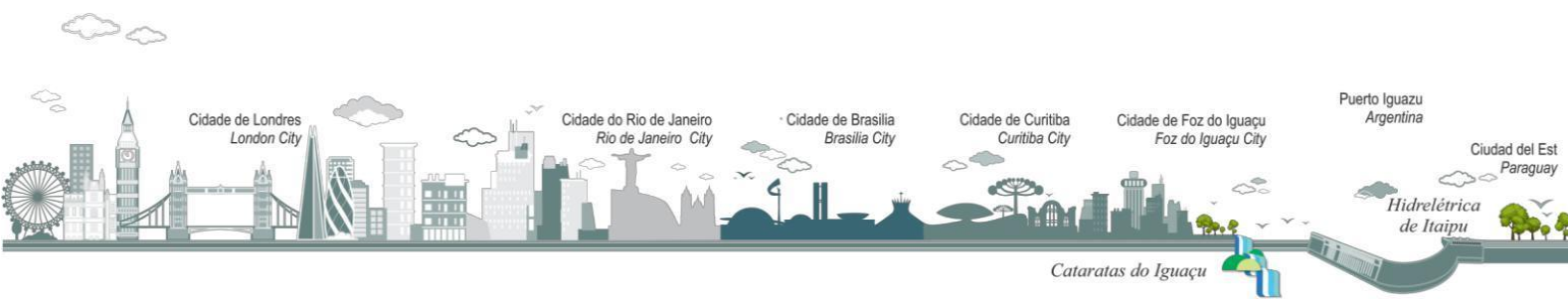
Inúmeros são os movimentos que decorrem dessa compreensão. Em geral vão desde a Lei do Carma que no trono do tempo se vincula aos demais seres através dos outros orixás, como, por exemplo, a Justiça de *Xangô*, o esgotamento de um carma por *Ogum* que só podem ocorrer através do tempo.

Em outros estudos quando nos referíamos ao tempo buscávamos a compreensão ocidental racionalista moderna em Martin Heidegger o qual reconhece que a existência só pode ser compreendida no tempo. Portanto ela nunca é determinada previamente, mas é reconhecida nessa condição ontológica de estar sendo no tempo, nesse horizonte a tarefa principal com a qual temos a incumbência de nos ocupar é conosco mesmo, pois o ser que devemos investigar somos nós mesmos (HEIDEGGER, 2015).

O esforço hermenêutico e ontoepistemológico de buscar esse diálogo escutatório com uma divindade reconhecida nos saberes ancestrais africanos, nas crenças de uma das tradições religiosas sincretizada na fé da Umbanda Sagrada é também um movimento descolonizante eivado de esculta, de respeito ao transcendente e de busca de compreensão para tempos tão extremos.

Assim reconheço que o tempo de *Logunan* que emerge do trono da fé, é um tempo de convite a uma profunda reflexão sobre o que fizemos e o que estamos fazendo com a nossa existência no tempo. A compreensão de Saraceni (2018), sobre a mãe do tempo refere-se a um olhar em que o tempo transcende a dimensão física e vai além quando interpreta o campo da mente e da religiosidade. Essa abertura compreensiva cria possibilidades de reconhecimentos e de despertamentos para ressignificarmos os tempos de emergência na direção dos tempos de outras cosmovivências.

Na raiz desse olhar está a questão sobre como estamos vivenciando, experienciando o tempo e sobre como ele nos atravessa ou por vezes somos atravessados por ele. Para o tempo da emergência essa discussão não possui o menor sentido, pois é o tempo em que estamos atrasados para fazer aquilo que não fizemos no ontem. A sensação de aceleração, angústia e de perda está sempre presente a ponto de nos culparmos pelas não realizações, algumas delas impostas pela lógica dos tempos do capitalismo, com seus tempos e recompensas pré-fabricadas, cujo não atingimento pode significar uma derrota.





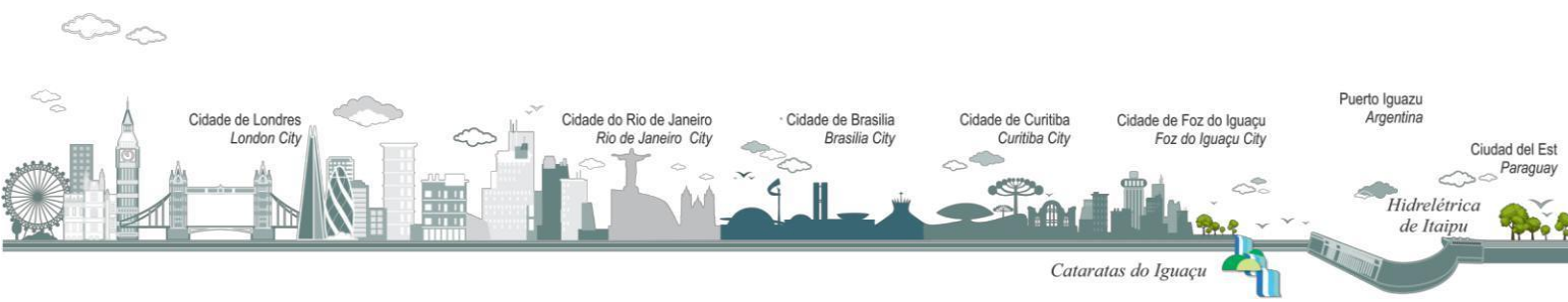
O tempo de *Logunan* suspende essa racionalidade antropocena e nos convida a avaliar a nossa condição existencial, a repensar os modos de existência e a redefinir rotas. E faz esse convite não como um imperativo de que se não fizermos isso estaremos todos fadados a morte. Para *Logunan* isso já é algo compreendido pois tudo o que ocorre só possível através do tempo, pois ele é o meio onde tudo se realiza (SARACENI, 2018).

## O Alerta de Logunan

O alerta de *Logunan* é um convite a pararmos e a revisitarmos nossos modos de existência. Trata-se de um alerta que reconhece que mesmo com o imperativo da Pandemia Covid19 nós humanos temos uma grande dificuldade de aprender as lições. Mesmo assistindo de nossas casas o quanto as vulnerabilidades se acentuam num sistema capitalista de descuido e destruição da vida colocando a economia como primazia em relação a vida humana e não humana temos a sensação de que rapidamente esquecemos essa lição.

*Logunan* está nos alertando para a necessidade de ampliarmos nossa percepção sobre os acontecimentos. Há pouco tempo, tínhamos tempo para conversamos sobre os horizontes da Educação Ambiental suas, vertentes e desafios. Aos poucos o tema gerador passou a ser as mudanças climáticas e atualmente a maioria das conversas são sobre as consequências ou resultados com efeitos práticos na vida de milhares de pessoas, dessa nova condição existencial ontológica dos tempos de Emergência Climática. Para alguns já estamos em estado de Colapso Ambiental onde a tragédia do Rio Grande do Sul de 2024 estaria confirmando esse estado. A sensação que tenho é que estamos de fato analisando a patologia socioambiental em estado de emergência com probabilidades de novos colapsos alertados também pela ciência sobre as recorrências mais frequentes.

É nesse sentido que o tempo de *Logunan* traz uma preocupação de estabelecermos uma conexão mais ampla. Quais os compromissos ético-políticos de vivermos a nossa existência em tempos tão extremos? Para além de uma postura existencial individual, qual a nossa capacidade de pensarmos projetos coletivos que não aqueles orientados pela racionalidade antropocena? Como *Logunan* está nos vendo? Estamos mitigando as potencialidades da vida acreditando em falsas promessas com as mesmas roupagens que



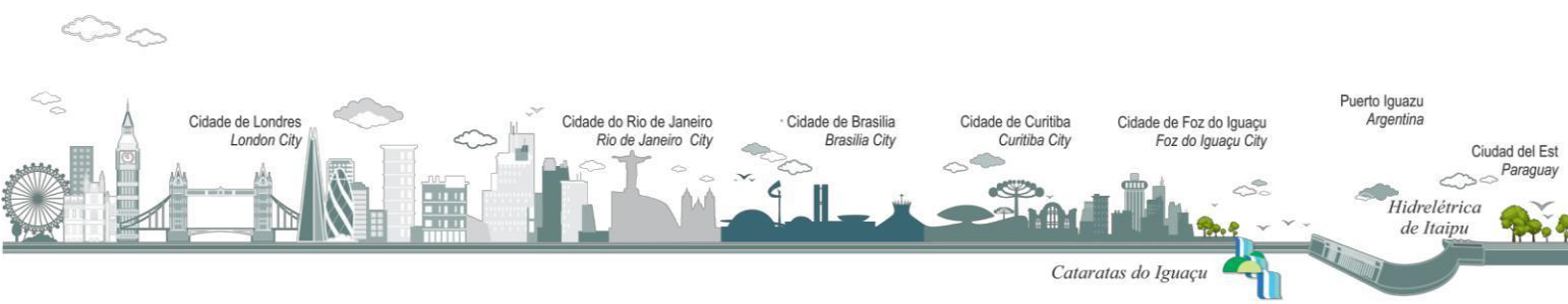


maquiam a realidade repetindo as velhas alianças entre o capital e o ambiental cujos resultados já conhecemos orientados pela lógica financeira desenvolvimentista? Quais as potencialidades da educação para as mudanças climáticas? Que perspectivas epistemológicas e ontológicas estão orientando as propostas educativas? Será que basta apenas “inserir” uma nova disciplina no currículo sem advogar em favor de um amplo modelo integrador e sistêmico que tangencie a questão do clima na sua estreita relação com as dimensões do mundo da vida? Qual a força que nossas propostas educativas possuem quando, na guerra do Afeganistão em 2001, apenas os Estados Unidos gastaram 8 trilhões de dólares em 2022 e 2023 segue a mesma lógica de investimento?

O alerta de *Logunan* é um convite a pensarmos não mais apenas a partir do urgente, imediato, efêmero e patológico. Trata-se de um olhar de busca de sentido e de expansão existencial sobre a nossa travessia e existência no tempo. Nesse sentido, a mãe do tempo não traz consigo a noção cármica do tempo, mas indicativos de aberturas existenciais, políticas, ontológicas e de despertar sobre as questões de destino. Afinal para onde estamos indo?

*Logunan* também nos convida para uma postura de equilíbrio. Principalmente quando existem excessos. Penso que aqui temos um outro importante dispositivo para pensarmos os tempos de emergência como tempo dos excessos. A maioria das vezes pautados numa confiança de que a postura do ser humano no uso demais naturezas não chegaria as consequências que estamos vivenciando, pois, a natureza teria recursos inesgotáveis. *Logunan* nos convida a repensarmos a relação humanidade-natureza na perspectiva de um equilíbrio possível.

O tempo de *Logunan* nos coloca a possibilidade de pensarmos a relação entre o urgente e o importante. Normalmente no tempo da emergência vivenciamos os tempos de nossas agendas para realizar as tarefas imediatistas orientadas pelas reivindicações do urgente. Muitas vezes deixamos o importante para depois, pois o urgente nos absorve por inteiro. *Logunan* nos alerta sobre a necessidade de revistarmos aquilo que importante enquanto ainda temos tempo. Somos a geração que mais reclama não ter tempo. *Logunan* nos convida aquilo De Masi que desencarnou em 2023 nos alertava: que o tempo livre é algo positivo e imprescindível para aprimorar nosso crescimento inclusive a nossa criatividade.



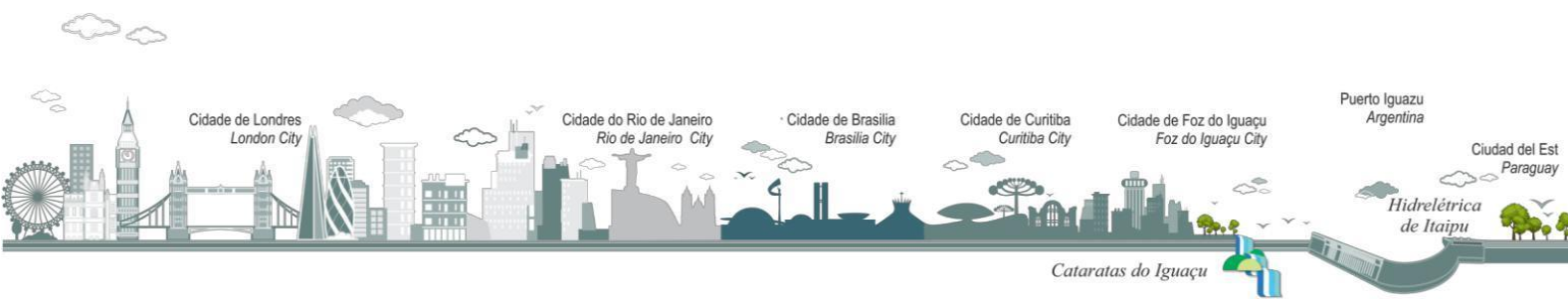


Com frequência sou interpelado por colegas que reclamam ter dificuldade de escrever seus textos, principalmente autorais. Fico a pensar sobre os impactos da lógica do produtivismo acadêmico que não respeita esse tempo criativo, mas coloca tudo no viés do tempo do resultado onde a quantidade de produtos permite uma produção que nem sempre possui maior alcance e sentido no mundo prático da vida. Assim o tempo de emergência, do urgente, não tem tempo para pensar sobre as teleologias, as finalidades e o alcance sobre o porquê estamos vivendo dessa e não de outra forma. Portanto, o convite refere-se a possibilidades de pensarmos e realizarmos movimentos existenciais de redefinição ontológica.

Nesses movimentos a pauta climática deve assumir as amplas relações que envolvem nossa existência. Estou fazendo menção a perspectivas de educação para as mudanças climáticas que já colocam a questão em suspeita sobre que não basta a mudança, mas fundamentalmente qual tipo de mudança (GAUDIANO & MEIRA, 2020). Igualmente relevante as proposições que acreditam que não basta uma mudança curricular ou formal, mas uma densa mudança epistemológica baseada num modelo integrador o envolva as questões climáticas relacionadas, as questões políticas, culturais, sociais, ambientais e educativas (TERRÓN Y BAHENA, 2021). Talvez por esse caminho seja possível pensarmos novas estratégias didáticas sobre o ambiente inteiro e as mudanças climáticas (CALIXTO, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o tempo de Emergência Climática consiste num desafio gigante e envolve conhecimentos amplos e conceitos técnicos que muito reconhecemos e valorizamos. No entanto, o movimento descolonizante proposto nesse ensaio está despido dos critérios de validades das epistemologias clássicas. Ao fazer a opção desse movimento de escuta reflexiva, baseada nos saberes ancestrais e nas crenças culturais, optei por um caminho mais livre. Esse caminho permite olhares ontoepistemológico sobre nossas cosmovivências. *Logunan* a mãe do tempo contribui a esse revistar aos conceitos estreitos do tempo capitalista emergencial cuja única alternativa está na necessidade de adaptação. Aprendi com Paulo Freire que os humanos possuem uma grande capacidade de adaptação, porém, não basta sermos seres de adaptação, devemos ser seres de inserção crítica no mundo. É nesse sentido







que *Logunan* além de alertas indica possibilidades de redefinição ontológica reivindicando processos e concepções educativas mais integradoras para enfrentamentos dos tempos de colapsos ambientais. É a necessidade de reequilíbrio frente os excessos que apontam para outros horizontes educativos. Alguns desses estamos fazendo através da Ecologia Cosmocena, da Educação Ambiental Pós-Metafísica e das possibilidades que o Giro Ontológico proporciona para pensarmos as Outridades Ambientais.

**AGRADECIMENTO:** o Autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq pelo Financiamento através da Bolsa de Produtividade PQE em Educação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, L. & FERRAZ, M. **RS: Bairro inteiro em Cruzeiro do Sul vira 'cemitério de casas e carros**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/17/rs-bairro-inteiro-em-cruzeiro-do-sul-vira-cemiterio-de-casas-e-carros.htm?cmpid>. Acesso em 20. mai. 2024.

CALIXTO, R. F. **Estrategias didácticas sobre el medio ambiente y el cambio climático**. Ciudad de México: Editora da Universidad Pedagógica Nacional, 2019.

CEMADEN. Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Brasil). **Educação em clima de riscos de desastres 2**. ed. São José dos Campos: Cemaden, 2023.

DEFESA CIVIL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Enchentes vale do Rio Taquari. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/retomada-pos-enchente-no-vale-do-taquari-une-orgaos-estaduais>. Acesso em: 20 out. 2023.

DE SANTANA JUNIOR, H. M. Encruzilhadas Epistemológicas: “Acertando o conhecimento europeu ontem com uma pedra que atirei somente hoje”. **ODEERE**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 251-268, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4423>. Acesso em 01 nov. 2023.

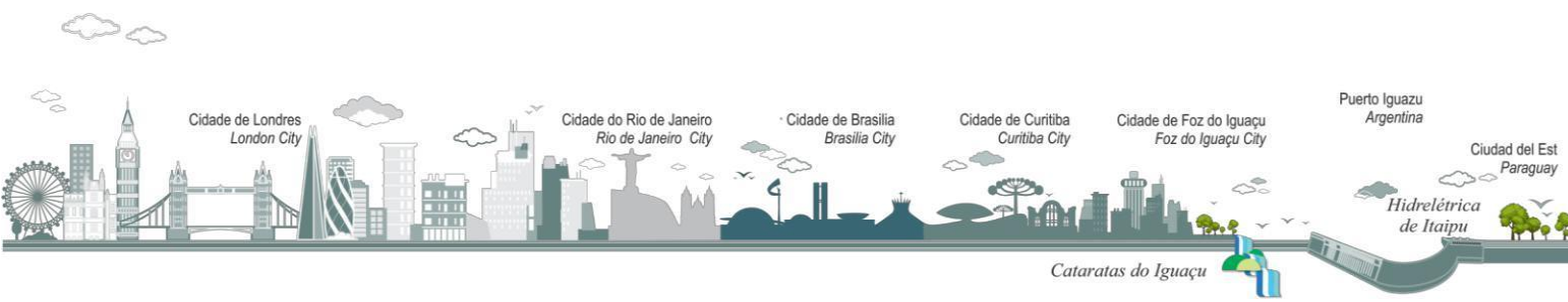
DORNELES, D. R.. Palavras Germinantes: Entrevista com Nego Bispo. **Identidade**, v. 26, p. 14-26, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Note/Downloads/1-dandara-rodriques-dorneles-entrevista-com-nego-bispo.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

GADAMER H-G. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flavia Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

GATTI, L.V.; CUNHA, C.L.; MARANI, L. *et al*. Increased Amazon carbon emissions mainly from decline in law enforcement. **Nature**, v.621, p. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-023-06390-0> . Acesso em: 22 out. 2023

GAUDIANO, E. J. & MEIRA, P. Á. Educación para el cambio climático: ¿educar sobre el clima o para el cambio. **Perfiles Educativos**, v.42, n. 168, p. 157–174, 2020. DOI <https://doi.org/10.22201/iissue.24486167e.2020.168.59464> Acesso em: 15 out. 2023

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.





ESA/Centro de Informação Hubble. **New Horizons spacecraft answers the question:** How dark is space? <https://phys.org/news/2021-01-horizons-spacecraft-dark-space.html> Acesso em: 5 out. 2023.

IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. Summary for Policymakers. In: IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, 2021. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/>. Acesso em: 16 out. 2023.

LAPOLA, D. M.; PINHO, P.; BARLOW, J.; ARAGAO, L. E. O. C.; BERENQUER, E.; CARMENTA, R.; LIDDY, H. M.; SEIXAS, H.; SILVA, C. V. J.; SILVA-JUNIOR, C. H. L.; ALENCAR, A. A. C.; Anderson L.; ARMENTERAS, D.; BROVKIN, V.; CALDERS, K.; CHAMBERS, J.; CHINI, L.; COSTA, M. H.; FARIA, B. L.; FEARNSIDE, P. M.; FERREIRA, J.; GATTI, L.V. The drivers and impacts of Amazon forest degradation. **Science**. v. 379, p. 1-11, 2023. <https://www.science.org/doi/10.1126/science.abp8622>

MENEGHETTI, F. K. Tréplica - O que é um Ensaio-Teórico? Tréplica à Professora Kazue Saito Monteiro de Barros e ao Professor Carlos Osmar Bertero. RAC. **Revista de Administração Contemporânea** (Online), v. 15, p. 343-348, 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S1415-6552011000200012>

PEREIRA, V. A. **Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos**. Juiz de Fora: GARCIA edizioni, 2016.

PEREIRA, V.A. & ZITKOSKI, J. J. Racionalidade Antropocena e Educação Ambiental. **Praxis & Saber**. v. 15, n.41, e15810. p. 1-15. <https://doi.org/10.19053/22160159.v15.n41.2024.15810>.

PEROBELLI, A. **Compartilhe a verdade: informações seguras sobre as chuvas no RS**. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/compartilhe-verdade-agencia-esclarece-boatos-sobre-chuvas-no-rs>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

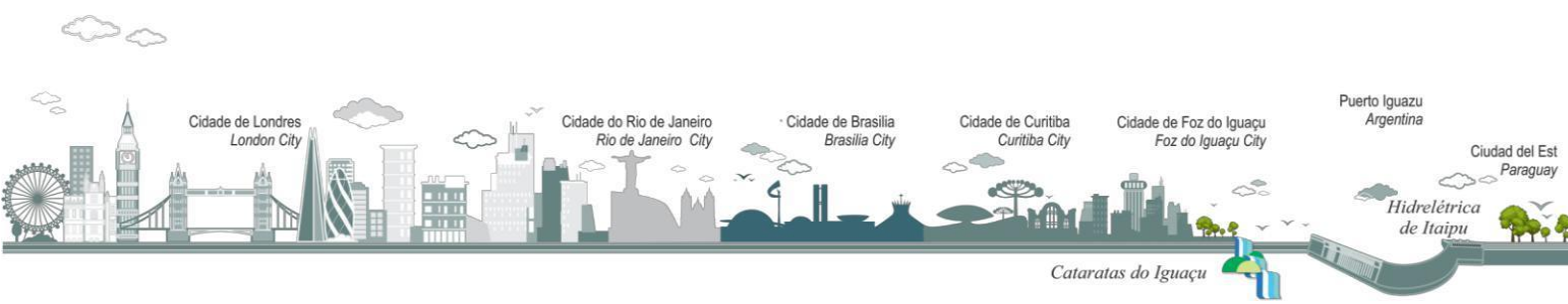
SANTOS, E. **Temporais no RS: entenda como o relevo de Porto Alegre e as 'marés de tempestade' travam escoamento**. G1 Notícias. Disponível em : <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/05/07/temporais-no-rs-entenda-como-o-relevo-de-porto-alegre-e-as-mares-de-tempestade-travam-escoamento.ghtml> Acesso em 20 mai.2024.

SARACENI, R. **Doutrina e teologia de umbanda sagrada: a religião dos mistérios um hino de amor a vida**. São Paulo: Madras, 2018.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (SGB). **Seca: Serviço Geológico do Brasil intensifica monitoramento na região amazônica**. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/publique/Noticias/Seca%3A-Servico-Geologico-do-Brasil-intensifica-monitoramento-na-regiao-amazonica-8340.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (SGB); Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM). **Cheia do Taquari é a segunda maior da história do rio**. In: Zero Hora, Porto Alegre, 07/09/2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2023/09/cheia-do-taquari-e-a-segunda-maior-da-historia-do-rio-clm8dijk001o01368th6mxwh.html#:~:text=Os%20n%C3%ADveis%20do%20atual%20fen%C3%B4meno.na%20C3%A1rea%20urbana%20da%20cidade>. Acesso em: 25 out 2023.

SISTEMAS DE ALERTA HIDROLÓGICO (SAHs). Bacia do Rio Taquari. Disponível em:





[https://www.sgb.gov.br/sace/index\\_bacias\\_monitoradas.php?getbacia=btaquari](https://www.sgb.gov.br/sace/index_bacias_monitoradas.php?getbacia=btaquari) Acesso em: 12 out. 2023.

STEFFEN, W; GRINEVALD, J; CRUTZEN, P; MCNEILL, J. R. Anthropocene: conceptual and historical perspectives. **Philosophical Transactions of The Royal Society A**, v.369 p. 842–867, 2011. DOI: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsta.2010.0327>

TERRÓN A. E. y BAHENA D. G. **Modelo ambiental integrador forjando consciencia crítica y cultura ambiental participativa sobre el cambio climático antropogénico**. Epistemología y Pedagogía Climática en México. Ciudad de México: UNAM, Programa de Investigación en Cambio Climático. p. 175-191, 2021.

